

Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**A formação para o trabalho na Companhia de Jesus no Brasil colonial (1549-1759)**

Sônia Maria Fonseca\*

**RESUMO:** Esta comunicação tem como tema a questão da formação para o trabalho na Companhia de Jesus, sob a ótica das relações entre educação e trabalho a partir de fontes primárias existentes no Archivio Storico della Compagnia de Gesù (Archivum Romanum Societatis Iesu – ARSI) e na Biblioteca dell’ Istituto Storico, em Roma, e das obras dos cronistas da ordem ignaciana, como *Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil*, do Pe. Simão de Vasconcelos (c. 1596-1671), *Cultura e Opulência do Brasil*, de André João Antonil (1649-1716) e *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549-1760)*, do Pe. Serafim Leite (século XX), além das cartas jesuíticas dos padres Manoel da Nóbrega, José de Anchieta e Azpilcueta Navarro (século XVI), escritas nos chamados tempos heróicos (1549-1570).

**PALAVRAS-CHAVE:** Companhia de Jesus; Brasil colonial; formação para o trabalho.

**ABSTRACT:** The subject of this paper is the formation for work at the Company of Jesus from the viewpoint of the relationship between education and work, and was elaborated on from primary historical sources existing at the Archivio Storico della Compagnia de Gesù (Archivum Romanum Societatis Iesu - ARSI) and the Biblioteca dell'Istituto Storico in Rome, plus the books by chroniclers of the Ignatian order such as "Chronicle of the Company of Jesus

in the State of Brazil", by Priest Simão de Vasconcelos (c. 1596-1671), "Culture and Luxury of Brazil", by André João Antonil (1649-1716), and "Arts and Crafts of Jesuits in Brazil" (1549-1760), by Priest Serafim Leite (20th century) and the letters by priests Manoel da Nóbrega, José de Anchieta and Azpicuelta Navarro (16th century), written during the age known as heroic period (1549-1570).

**KEYWORDS:** Company of Jesus; colonial Brazil; formation for work

“A necessidade faz mestres”  
Pe. Simão de Vasconcelos, S.I

Quando do estabelecimento da Companhia de Jesus no Brasil, os jesuítas se depararam com a escassez da mão-de-obra para erigir as residências, casas e colégios, e de oficiais mecânicos que se dedicassem às mais diversas ocupações. Os chamados tempos heróicos, que compreende os primórdios de 1549 a 1570, segundo a expressão cunhada por Luiz de Matos, é também aquele em que a formação para o trabalho se impõe na ordem

---

\* Graduada em História (UFOP). Mestre em História da Arte e da Cultura (IFCH-UNICAMP) e doutoranda em Filosofia e História da Educação (FE-UNICAMP). Integrante do Grupo de Pesquisa HISTEDBR (História, Educação e Sociedade no Brasil).

religiosa. Ainda em 1549, o Pe. Manoel da Nóbrega escreve a seu superior em Roma, Pe. Mestre Simão, pedindo o envio de oficiais e dando notícia que

*A mais custa é fazer a casa por causa dos officiaes que hão de vir de lá, porque a manutenção dos estudantes, ainda que sejam duzentos, é muito pouco, porque com o terem cinco escravos que plantem mantimentos e outros que pesquem com barcos e redes com pouco se manterão; e para se vestir farão um algodoal, que há cá muito. [...] É, portanto, é necessário Vossa Reverendíssima mandar officiaes, e hão de vir já com a paga, porque cá diz o Governador, que, ainda que venha alvará de Sua Alteza para nos dar o necessário, que não o haverá hi para isto. Os officiaes que cá estão têm muito que fazer, e que o não tenham estão com grande saudade do Reino, porque deixam lá suas mulheres e filhos, e não aceitarão a nossa obra, depois que cumprirem com Sua Alteza, e também o Trabalho que têm com as viandas e o mais tira disso. Portanto me parece que haviam de vir de lá, e, si possível fosse, com suas mulheres e filhos, e alguns que façam taipas, e carpinteiros.. Cá está um mestre para as obras, que é sobrinho de Luiz Dias, mestre de obras d' El-Rei [...] a este haviam de dar o cuidado de nosso Collegio; é bom oficial. Serão cá muito necessárias pessoas que teçam algodão, que cá há muito e outros officiaes. (NOBREGA, 1988:84-85.)*

Em 1556 transcorridos sete anos da chegada da ordem religiosa pudemos constatar por relatos do Pe. José de Anchieta, que os padres e os irmãos trataram, eles próprios, de suprir as necessidades com o aprendizado dos mais diversos ofícios.

*O primeiro de Novembro nos passamos e entramos com procissão em nossa igreja nova, feita com os trabalhos dos Irmãos, maiormente com o suor do Padre Afonso Braz<sup>1</sup> [...] (ANCHIETA, 1988:104-105)*

*Para não deixar de dizer, pois, o que vem a propósito, quase nenhuma arte das necessárias para o comum uso da vida deixam de fazer os Irmãos; fazemos vestidos, sapatos, principalmente alpercatas de um fio como cânhamo, que nós outros tiramos de uns cardos lançados n'agua e curtidos, cujas alpercatas são mui necessárias pela aspereza das selvas e das grandes enchentes dagua: é necessário passar muitas vezes por grande espaço até a cinta, e algumas vezes até o peito, barbear, curar feridas, sangrar, fazer casas e cousas de barro, e outras semelhantes cousas não se buscam fora, de sorte que a ociosidade não tem lugar algum na casa. (IDEM:161.)*

Na sua *Informação da Província do Brasil*, Anchieta traz um minucioso levantamento das condições físicas das diversas propriedades dos jesuítas, onde podemos encontrar vagas referências às situações dos ofícios na Bahia e Rio de Janeiro, apontando neste último a ausência de oficiais - “sempre se faz algo no edifício, ainda que devagar por não haver tanta comodidade de cal e oficiais”-, referindo-se à primeira menciona que

*Tem este Colégio tanta gente por ser seminário, e nele se criam os noviços, escolares, línguas, e estão os velhos, que há muitos anos que trabalham, e quanto aos escravos são tantos porque muitos não fazem por um, e também são oficiais de vários ofícios, como pedreiros, carpinteiros, ferreiros, carreiros, boieiros e alfaiates [...] (ANCHIETA, 1988:422-423)*

<sup>1</sup> Mestre de Alvenaria e Carpintaria foi o responsável pelas obras que transformaram a escola primitiva de Piratininga em colégio auxiliado pelos alunos de Anchieta, que nas horas vagas de estudo carregavam às costas cestos com a terra e água para a fatura da taipa.

Contemporâneo aos relatos de Anchieta, os do padre Azpilcueta Navarro e de outros nos dão conta também dos esforços que os jesuítas empregavam na edificação de igrejas e casas. Em Carta a 24 de agosto de 1550, o Padre Leonardo Nunes conta que “Agora queremos emmadeirar uma igreja que aqui temos feito”. (NAVARRO et al.,1988:88) Na carta do Padre Antonio de Sá, de 8 de setembro de 1563, escrita em Pernambuco e enviada aos Padres e Irmãos da Ordem em Portugal há o seguinte relato:

*De ajuntarmos os achegos e cousas necessárias pêra a igreja nos custa trabalho, porque como quer que somos nós, não temos quem nos governe esta casa. A's vezes somos carreiros e imos á matta a carregar os carros;outras vezes somos cavouqueiros com a gente que tira a pedra; assi em todas as mais cousas que são necessárias pêra a igreja nós as negociamos e cavamos e os custos e carretos que não abasta a esmola que temos tirado para acabarmos a igreja.(NAVARRO et al., 1988:.426-427)*

*No material de casa se põe a diligencia e cuidado possíveis nos edificios que de novo se começam, porque, como ha annos que aqui moramos, e ellas todas commummente nesta terra são de palha, estão muito arruinadas, máxime a igreja abria por algumas partes; por essa causa começaram-se a fazer de novo outras casas ao lado dest'outras e nellas se trabalha todos os dias, e iremos assim pouco a pouco, porque a pobreza e nossas posses não podem supportar grandes gastos, pois os nosso Padres e Irmãos são os que andam de quando em quando com o pilão nas mãos, supprindo as vezes dos jornaleiros; [...] (IDEM:.457)*

As cartas jesuíticas são fontes privilegiadas, às quais podemos recorrer para compreender como a organização para o trabalho, dito secular, o que vale dizer também manual, ocorria nesses primórdios da Colônia. Aos irmãos Coadjuutores Temporais, que não professavam o quarto e último voto da Companhia de Jesus (obediência incondicional ao Papa) e que, portanto, estavam impedidos do sacerdócio, cabiam os trabalhos administrativos, domésticos e se possuíssem talento podiam também se ocupar das belas artes e ainda ensinar na escola elementar. Observa-se que na prática se adotava o aprender-fazendo.

A obra de do Pe. Simão de Vasconcelos (c.1596-1671) traz um rico manancial de informações sobre a questão do trabalho entre os inicianos. Sobre o padre Antonio Rodrigues diz:

*Na instrução dos filhos dos índios foi extremado: ensinava-lhes por sua mesma língua a polícia de que eram capazes, e à volta da doutrina cristã, ler, escrever, cantar e tanger instrumentos músicos para o culto divino, porque em tudo era destro; e era em tal forma, que eles só oficiavam destramente todas as festas da igreja. (1977, Livro II, p. 144)*

De Inácio de Azevedo, que foi Visitador Geral no Brasil,Vasconcelos relata:

*Seu enxoval era segundo sua grande pobreza: trazia sempre consigo um saquinho, e nele metido os instrumentos de vários ofícios mecânicos, e em qualquer parte que estivesse, ele era o sapateiro para remendar seus sapatos, o alfaiate para remendar seus vestidos, e assim dos demais [...] Tinha graça particular para servir ofícios baixos; quando menos se imaginava, com qualquer pequena ocasião que ocorria e com a clareza com que o pudera fazer um noviço, ia ajudar à cozinha, despensa, refeitório, servia à mesa e fazia ações semelhantes; e esta era a melhor repreensão de descuidados, e uma reformação ou visita prática que obrigava mais que as regras aos maiores, aos menores, aos superiores, aos súditos, aos antigos, aos*

*modernos, aos mestres, aos discípulos, aos provecos e principiantes. (1977, Livro II: 140-141)*

*Aprendeu ofícios com tal aplicação, como se por eles houvera de ganhar sua vida: chegou a ser perfeito sapateiro, alfaiate, colchoeiro, etc., e destes se prestou de maneira que por toda a vida trouxera consigo os instrumentos deles; e era ele o melhor remendão de seus sapatos e vestidos, antepondo o dom último deste ofício ao primeiro dom da nobreza, e ajustando-se com aquele princípio do espírito, \ama nesciri, et pro nihilo repretari. (1977, Livro II: 178)*

O cronista da Companhia descreve o treinamento em Portugal dos noviços que viriam ser mortos em 15 de julho de 1570, nas mãos de piratas franceses nas Ilhas Canárias, quando viajavam ao Brasil, dentre os quais estudantes e mestres de ofícios de muitas partes do Reino no seguintes termos:

*Estes eram os exercdícios espirituais da escola de perfeição de Inácio: o tempo que sobejava deles( porque nenhum instante cessasse) empregava em exercícios corporai. Uns liam, outros escreviam, outros estudavam, outros pintavam, outros faziam obras de carpinteiro, sapateiro, alfaiat. Saíam com peças necessárias para o Brasil, e ocupavam santamente o tempo. Partiam uns a buscar lenha no mato, outros água, outros carqueja, outros rosmaninho, e outros grama. Da Grã faziam finas tintas; da carqueja camas em que dormiam, e uma cortiça por cabeceira; porque colchões de lã não se usavam, senão para doentes, ou achacosos. Estes colchões lhes ensinou a fazer Inácio engenhoso em tudo pela caridade: e logo à vista de um que fizera, ficara muitos feitos mestres [...] Os ofícios baixos eram apetecidos com aquela indústria com que os altos são buscados no mundo. Verieis uns trabalhar no refeitório, outros na cozinha, outros varrer os aposentos; e os que eram ofícios mais humildes, mais desejados, e pedidos à competência de joelhos, e concedidos por favor. (VASCONCELOS, 1977, Livro II: 157) (grifo meu)*

O padre Serafim Leite, cronista e historiador oficial da Companhia de Jesus, autor de *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549-1760)*, concebida a partir de obra publicada anteriormente – *História da Companhia de Jesus no Brasil (1938)*-, arrola em um vasto catálogo (327p.) todos os padres e irmãos envolvidos com o trabalho além das atividades de evangelização e catequização. A estrutura da obra contempla três partes: A) Processo e Método; b) Fontes manuscritas; e c) Bibliografia Impressa. Classifica as Artes e Ofícios praticados pelos jesuítas em sete grandes grupos: a) Artes e Ofícios de Construção; b) Belas-Artes; c) Manufaturas; d) Ofícios de Administração; e) Serviços de Saúde; f) Outros Ofícios (em menor número, mas bastante variado na caracterização). Ressalta que há um problema nas fontes, pois “os primeiros ofícios exercidos pelos jesuítas não constam dos catálogos do Brasil, que só os começaram a referir em 1565. Antes, tiram-se [tais informações] das cartas dos encarregados de escrever as notícias locais” (LEITE, 1953: 19).

Segundo Leite recorria-se a Portugal solicitando padres para mestres e evangelizadores do Brasil e com a mesma ânsia “irmãos que fossem hábeis nas Artes e Ofícios”. Contudo, em 1660, o pe. Antonio Vieira ainda “pedia e insistia com o Provincial Geral, que enviasse Irmãos coadjutores Oficiais, principalmente pintores, alfaiates, sapateiros, ferreiros, carpinteiros, pedreiros” (LEITE, 1953: 20).

*Pouco a pouco, mas com segurança, iam-se exercendo e crescendo em volume os ofícios e artes à proporção que a vida social evoluía e se agrupavam à roda dos colégios e das Fazendas, trabalhadores, livres e escravos, nas grandes construções de colégios e igrejas. (IDEM)*

O autor traz a informação que além de índios livres que servissem de mão-de-obra para os moradores, os jesuítas formavam e ensinavam os próprios escravos, para que pudessem contar com a continuidade dos trabalhos em igrejas, colégios e missões.

Nesse “período heróico”<sup>2</sup> o trabalho parece ter tido grande significação aos olhos dos jesuítas. Antes de ser uma ocupação, configurava-se em uma alternativa para a redenção dos nativos e cativos. Segundo Leite (1953: 23)

*É sempre Nóbrega quem fala dos que se recolheram não se perderam todos, porque alguns morreram durante a inocência, outros deram-se a ofícios, outros passaram a outras partes, onde perseveraram na fé recebida. A este número dos dados a ofícios deviam já pertencer aqueles de que fala Luís da Grã em 1554: ‘Deste moços pus a aprender ofícios quatro ou cinco, e isto se há-de fazer com outros’*

Reportando-nos à *História da Companhia de Jesus no Brasil*, obra monumental originalmente em dez tomos, onde não se incluem os jesuítas dos Sete Povos das Missões, temos no índice geral uma justificativa para “As Artes e Ofícios dos Irmãos Coadjuutores” aparecerem no plano geral da obra, por ser elucidativo o destaque que a autor confere ao tema transcrevemo-na na íntegra:

*Pareceu útil mencionar, quanto possível, os ofícios e artes dos irmãos, exceto os domésticos, importantes sem dúvida, mas comuns, de porteiro, cozinheiro, refeitoreiro e outros desta qualidade. Sob a simples referência de carpinteiro ou entalhador, ocultam-se às vezes atividades como esta de Antônio Nunes, um dos artífices do Noviciado da Jiquitaia: fez o teto da Igreja de Olinda (no 2º. quartel do século XVIII), o coro da mesma Igreja, o ‘lindo entalhe’ da Fazenda de S. Inês (Camamu), e o Hospício de Aquirás (Vitae 63, 164-171).*

*Não cabia no plano desta História um Dicionário de Artistas e artífices Jesuítas do Brasil. O autor dispõe dos elementos documentais para isso; do que não dispõe é de certo tempo para tanto. Claro que o essencial fica nos diversos tomos desta obra. O que não fica, nem podia ficar, são as datas miúdas de todos e de cada um dos Irmãos, e os lugares das suas residências sucessivas, - passos indispensáveis para a atribuição dos objetos de arte existentes nesses lugares, que, como se viu nos respectivos tomos, ainda hoje se escalonam, e são numerosos, de Paranaguá e S. Paulo até o Maranhão e Pará. E tudo. Naturalmente, antes de 1759. (LEITE, 2004: XVI)*

O fato é que Serafim Leite se ateu às artes, sobretudo as plásticas – pintura, escultura e arquitetura -, como expressão máxima da civilização que os jesuítas engendraram no Brasil em detrimento dos ofícios mecânicos, principalmente os domésticos,

<sup>2</sup> A expressão cunhada por Luiz Alves de Mattos refere-se aos anos de 1549 – o da chegada dos primeiros jesuítas capitaneados por Nóbrega juntamente com o primeiro governador geral Tomé de Souza, a 1570, ano da morte daquela que compôs com José de Anchieta e Azpilcueta Navarro a tríade dos jesuítas que deram o tom da ação evangelizadora daqueles tempos.

deliberadamente excluídos da obra posto que muito comuns, como faz questão de ressaltar na justificativa acima transcrita.

Os jesuítas tiveram, de fato, destaque no campo das artes. A propagação de um estilo jesuítico nas artes foi tamanha, que pode ser dedicado um capítulo inteiro aos jesuítas na História da Arte no Brasil. Tal importância pode ser constatada na Carta que comunicava a supressão da Companhia, e determinava a abolição de “cada um dos seus officios, Residências (...) Costumes e Estilos”, quando das reformas pombalinas que culminaram com a sua expulsão das terras brasileiras. As construções dos primeiros templos no estilo que se convencionou chamar de “jesuítico” refletem em seu partido arquitetônico o espírito disciplinador da contra-reforma: linhas regulares, singelas e despreziosas, guardando alguns traços renascentistas. Segundo Lúcio Costa (1978:17), o programa das construções jesuíticas era simples, compreendia três partes: para o culto, a igreja de uma só nave com o coro e a sacristia; para o trabalho, aulas e oficinas; para residência os cubículos, a enfermaria e mais dependências de serviço além da cerca, com horta e pomar. Segundo o autor “a arquitetura da Companhia no Brasil, foi quase sempre inimiga dos derramamentos plásticos, despreziosa e muitas vezes pobre, obedecendo em linhas gerais a uns tantos padrões uniformes”. (COSTA, 1978:51)

Com o aprendizado das artes e dos mais diferentes ofícios adquiriram auto-suficiência na fabricação dos mais diversos objetos de uso pessoal e para a vida cotidiana, de pares de sapatos a embarcações para transportar os padres e irmãos entre as possessões no Amazonas e ao longo do litoral da Bahia, Pernambuco, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. A produção das reduções jesuíticas, por exemplo, tinha caráter notável. Na região Sete Povos das Missões, além das atividades de agricultura e pecuária, com produção de excedentes, foram construídas oficinas para fabricação de instrumentos musicais, assim como para imaginária e adornos usados nos templos. Os indígenas sob a orientação de mestres jesuítas executavam a talha e a escultura em madeira e pedra, empregando em profusão elementos da flora e fauna circunvizinhas aos aldeamentos.

A obra *Cultura e Opulência do Brasil* de André João Antonil configura-se, por sua vez, em um manual de trabalho para os engenhos de açúcar, para a cultura do tabaco, para a exploração das minas de ouro e para a pecuária. Por conter roteiros diversos que indicavam o caminho para as Minas, o que representava uma ameaça aos interesses da Coroa Portuguesa ter o acesso a esses caminhos facilitado a aventureiros e rapinas, esteve a obra proibida por 210 anos.

O Inventário do Maranhão de 1760, que trata-se na verdade dos apontamentos do religioso Manoel Luiz sobre o embargo dos bens quando da supressão da ordem inaciana, elenca o enorme patrimônio acumulado naquela província em escravos, terras, gado, equipamentos, ferramentas, manufaturas etc, desde o século anterior. Ao centrarmos a investigação sobre a formação para o trabalho importava saber também sobre livros e manuais donde se podia extrair conhecimento técnico, já que o contexto do nosso estudo é justamente aquele de um ensino não-regular, de uma formação não escolar, baseados nas relações entre mestres e aprendizes. Dos 1.010 livros que constam no catálogo da Casa da Vigia (Pará) encontramos alguns poucos títulos sugestivos de serem manuais de trabalho são eles: Azevedo Engenhr.º vol.3; Arte de cozinha vol.2; Arte de fazer vernizes vol.1; Arte explicada vol.2; Botica de Sra. da Lapa vol.1; Erário Mineral vol.1; Ferreira Luz de Cirurgia vol.1; Frutus Indici vol.1; Flores Indici vol.1; Luz da Medicina vol.1; Pharmacopea Luzitana vol.1; Recapitulação de cirurgia vol.1. (ARSI: Bras. 26: 18v-22v) Pelas informações extraídas desse Inventário depreende-se que no século XVIII o trabalho manual era exercido predominantemente por mão-de-obra escrava e que havia no meio dos escravos mestres reconhecidos, empregados principalmente na lida dos engenhos de cana-de-açúcar e na manufatura em geral, deixando aos irmãos coadjutores os trabalhos administrativos, o exercício de alguns ofícios mecânicos e domésticos e sobretudo aqueles ligados às artes, tal e qual determinavam as Constituições da Companhia de Jesus.

### **Referências Bibliográficas**

- ANTONIL, André João. **Cultura e Opulência do Brasil:** por suas drogas e minas. Salvador: Livraria Progresso, 1950.
- CARTAS DO BRASIL – NÓBREGA. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988. (Cartas Jesuíticas, 1)
- CARTAS AVULSAS – AZPILCUETA NAVARRO E OUTROS. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988. (Cartas Jesuíticas, 2)
- CARTAS, INFORMAÇÕES, FRAGMENTOS HISTÓRICOS E SERMÕES – JOSÉ DE ANCHIETA. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988. (Cartas Jesuíticas, 3)
- CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS: anotadas pela Congregação Geral XXXIV e normas complementares. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

COSTA, Lúcio. Arquitetura Jesuítica no Brasil. In: **Arquitetura Religiosa**. SP: MEC/SPHAN/USP/FAU, 1978. p. 9-98.

LEITE, Serafim. **Arte e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549-1760)**. Lisboa/Rio de Janeiro: Edições Brotéria/Livros de Portugal, 1953. 327p.

\_\_\_\_\_. **História da Companhia de Jesus**. São Paulo; Rio de Janeiro: CJS/ Petrobrás, 2004. 4 vols.

MATTOS, Luiz Alves. **Primórdios da Educação no Brasil: O Período Heróico (1549-1570)**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora, 1958.

VASCONCELOS, Simão. **Crônica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977. 4 vols.